

Jeito manso de bater e apontar caminhos

Em 1970, quando Otávio Velho foi a Manchester com uma bolsa da Fundação Ford para estudar antropologia, sua pretensão era contribuir para o entendimento do Brasil e procurar “saídas” para a pátria amada. Estas preocupações se explicitavam na militância contra a ditadura e em pesquisas sobre a pequena produção agrícola, a estrutura agrária e as “frentes de expansão” da sociedade brasileira nas quais o trabalho empírico se misturava a animadas descobertas de conceitos e métodos. Otávio seguia para a Inglaterra depois de ser apresentado aos sertões do Brasil Central por Roque Laraia e de ter preparado, sob a orientação

de Roberto Cardoso de Oliveira, a primeira dissertação de mestrado do recém-criado programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional.

Em Manchester, seu apego inicial às formulações de Marx e Weber foi paulatinamente cedendo vez aos procedimentos histórico-comparativos de Barrington Moore e a uma releitura de Durkheim desenvolvida a partir de um seminário do influente Max Gluckman. Otávio lastrearia sua tese de doutorado (orientada por Peter Worsley) num estruturalismo pouco ortodoxo e engrossaria o cordão dos que consideravam a sociedade brasileira portado-

Manuel Domingos Neto: Doutor em História pela Universidade de Paris III e professor do Departamento de Ciência Política da UFF e do Programa de Pós-Graduação da UFC.

ra de um autoritarismo de raízes profundas; a ditadura militar, com seu desenvolvimento a chibatadas, não seria mais que a exacerbação de uma marca de origem. O paulatino distanciamento do marxismo persistiria após a tese, com o estudo de Gramsci, que lhe ajudou a pensar em modos diferenciais de desenvolvimento capitalista. Bourdieu, que para muitos serviria como “porta de saída” do marxismo, pouco lhe disse, já que parecia mais endossar que renovar as idéias prevaletentes (p. 42).

Em seu novo livro, *Mais realistas do que o rei*, Otávio facilita a compreensão de sua trajetória intelectual e política. O volume reúne trabalhos que oferecem abundantes elementos para captar o sentido das muitas polêmicas em que se envolveu movido pelo descontentamento com as percepções correntes acerca da sociedade e da política no Brasil. O agressivo título foi retirado dos escritos em que, numa inusitada e irônica *performance*, defendeu o parlamentarismo monárquico no plebiscito de 1993 sobre a forma e o sistema de governo (p. 135-152). Otávio argüiu que não caberia reduzir a autêntica república aos seus aspectos formais, acusou os defen-

sores do regime republicano - ou seja, quase todo mundo - de não irem fundo na constatação de que o país nunca tinha sido uma *res publica* e revelou sua insatisfação com o distanciamento entre a produção do saber e a prática política (p. 137). A vontade de deixar de ser periferia promoveria um “estreitamento de perspectiva” das ciências sociais; no lugar de abertura e avanço, induziria o abandono do que havia de mais “dinâmico e criativo no pensamento contemporâneo”. A busca do “destino” numa espécie de “fuga para frente” poderia encobrir, a seu ver, uma grande e não assumida tentativa de retorno (p. 144); as reações negativas mais freqüentes ao parlamentarismo monárquico desvendariam uma “ideologia de modernidade” que, tomando os países centrais como modelo, seria mais realista que o rei (p. 145).

O livro é uma coletânea que tem como primeira peça o memorial preparado em 1992 para o concurso de professor titular do Museu Nacional. Indo além da formalidade de um currículo comentado, o candidato-ativista sumariza polêmicas, avalia as afetações às quais esteve submetido, arrola superações e propõe variados debates, concluindo que, sem

se dar conta inicialmente, ao longo de sua atuação profissional estive-
ra “aberto a tudo” até o “limite da
perda do processo” (p. 13). A avali-
ação do próprio percurso, entretan-
to, mais que destacar rupturas, su-
blinha novas percepções, como re-
gistra no Prefácio:

Certas hipóteses de pesquisa e
constructos teóricos, assim como
minha própria situação no campo
da disciplina, vão apontando para
significados e arranjos distintos,
no presente, de muito de minha tra-
jetória passada (p. 17).

Batendo forte, mas sem perder
a elegância e a afabilidade, reporta-
se ao abandono dos “cortes episte-
mológicos”, do “culto das rupturas”
e do ainda mais insidioso “culto das
continuidades” numa peça de gran-
de valor para a história das ciências
sociais e, em particular, da antro-
pologia. Convicto de sua contribui-
ção a esta área do conhecimento,
Otávio assim se expressa:

A trajetória de um antropólogo in-
dividual acaba dizendo mais de
uma rede de vínculos do que de si
mesmo, podendo ter interesse para
a história da disciplina e para al-
guns cruzamentos desta com a
história do país e de algumas dis-
cussões contemporâneas mais
amplas (p. 17).

Os trabalhos reunidos na coletâ-

nea foram escritos em épocas dis-
tintas e agrupados por afinidade te-
mática, opção reveladora do repú-
dio à linearidade embutida na cro-
nologia, sempre pródiga na indução
de falsas distâncias. O interesse pela
revisão de conceitos, pressupostos
e métodos se impôs desde quando
Otávio, vasculhando o sentido e a
dinâmica da expansão da fronteira,
constatou a necessidade de propor
novas possibilidades de interpreta-
ção para expressões populares cor-
riqueiras e bem disseminadas (“vol-
ta ao cativeiro”, “escravidão”, “ter-
ra aberta”). Parte dos trabalhos se-
lecionados é composta de textos do
tempo em que ainda eram próximos
os impactos experimentados na
Amazônia Oriental (*Modos de de-
senvolvimento capitalista, campesi-
nato e fronteira em movimento, O
Cativeiro da Besta-Fera, Considera-
ções intempestivas sobre Nietzsche
e Weber e Religiosidade e Antropo-
logia*). Estes textos integraram co-
letânea anterior (*Besta-fera: recria-
ção do mundo*. Relume-Dumará,
1995), há muito esgotada.

Os demais trabalhos exploram os
complexos desafios impostos aos
que se envolvem no estudo da reli-
giosidade e examinam aspectos da
realidade social a partir da religião

ou da percepção antropológica. Na abordagem de variados temas, dialogando com numerosos autores referenciais, há uma vertiginosa sucessão de proposições audaciosas e instigadoras, mas levantada mansamente. Como quem conversa sem perturbar os passarinhos de Paquetá, onde dá suas caminhadas matinais, Otávio denuncia a falta de reconhecimento da irredutibilidade da religião e da relevância de seu estudo (a gnose seria um modo de “emprestar ao estudo da religião – mais uma vez e nessa hora tardia – a devida dignidade”) (p. 246 e 210); advoga a necessidade de “torções” – não de negação – no pensamento clássico e de abertura para reflexões que desafiem os critérios de classificação admitidos nas ciências sociais; rejeita a distinção absoluta Ocidente-Oriente (p. 227); investe contra procedimentos interpretativos baseados na percepção evolucionista do tempo histórico; saúda a desconfiança nas noções redutoras e estanques acerca do “passado” e do “presente” (posto que representações da mesma origem e que o “novo” de hoje só o seria na medida em que se considere que “recaptação” de modo fértil o passado,

mas, ao fazê-lo, o efeito seria relativizar-se enquanto “novo”) (p. 263); vê malefícios na distinção entre o “interno” e “externo” (cuja diferença pode não ser mais que uma dobra na mesma superfície); repudia a visão que aparta a “reflexão” da “experiência”; propõe que a globalização (“tão velha e, simultaneamente, tão nova”) seja tratada como mito... A listagem serve apenas para dar uma idéia vaga do que espera o leitor nesta robusta coletânea de um autor que nunca desistiu de compreender o Brasil nem fugiu à responsabilidade de participar da busca de “saídas” para a sociedade nacional e que, por conta disso, ousou ultrapassar múltiplas fronteiras estabelecidas pelo pensamento acadêmico.

Numa passagem do ensaio *Globalização: antropologia e religião*, Otávio considera que a sensibilidade inerente aos antropólogos tenha se generalizado e que as preocupações com a “diferença”, bem como a percepção dos limites da teoria das ciências sociais, estejam bem disseminadas (p. 267). Talvez seja um otimismo exagerado. Sem dúvida, os antropólogos muito ajudaram a enriquecer a visão de historiadores,

cientistas políticos, sociólogos, geógrafos e mesmo de certas especialidades da economia política. Mas, sem contar com o fato de que a própria antropologia tem muito que avançar em termos de renovação, ainda está longe o dia em que a soltura de velhas amarras intelectuais suplante o fundamentalismo disciplinar (p. 253) em benefício de uma organização mais complexa e libertária do trabalho acadêmico. Neste sentido, este livro de Otávio Velho é a contribuição mais sólida que li nos últimos anos.

Nota: VELHO, Otávio. Mais realistas do que o rei - Ocidentalismo, religião e modernidades alternativas. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2007. 383 p.